

# Economistas criticam especulação

PAULA PAVON

SÃO PAULO – O economista Ibrahim Eris, ex-presidente do Banco Central, disse ontem que as altas taxas de juros estão atraindo para o país um capital “que não é bem-vindo”. Segundo ele, o BC deveria usar instrumentos para abordar o capital sem qualidade. “Não interessa para o Brasil a entrada de recursos via anexo VI (renda fixa), que vem apenas aproveitar os juros elevados”, defendeu. Gustavo Loyola, também ex-presidente do BC, acha que a entrada de recursos favorece o mercado de câmbio, mas não deve permanecer no país por muito tempo.

“Não podemos ficar dependentes desse capital. Tivemos uma experiência recente que nos mostra isso”, afirmou Loyola. O economista-chefe do ING Barings, Arturo C. Porzecanski, sustenta opinião contrária. Para ele, o fato de entrar recursos já pode ser considerado positivo. “Está entrando capital de investidores domésticos também”, disse. Os ex-presidentes do BC, o economista-chefe do ING e o professor da Unicamp Luiz Gonzaga Belluzzo participaram ontem de seminário sobre *Para onde vamos com a nova economia*, organizado pela Internews.

Belluzzo e Loyola não acreditam que a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o sistema financeiro possa prejudicar o bom andamento da economia. “Se houver a CPI, não acredito que vá interromper o rumo normal da economia”, afirmou Loyola. Belluzzo, contudo, destacou que “marginalmente” uma CPI pode desviar o sentido da economia. “Uma CPI pode tornar a situação mais difícil, principalmente para a volta de capital externo”, reconheceu.

Os ex-presidentes do BC preferiram não comentar a atuação do Banco Central no caso Marka. “Não tenho elementos para saber o que o BC está enfrentando naquele momento quando tomou

alguma atitude”, resumiu Ibrahim Eris, referindo-se ao fato de o BC ter vendido moeda americana ao Marka por uma cotação inferior à vigente na época. O economista-chefe do ING afirmou que para manter a transparência do sistema financeiro é melhor que ocorra uma investigação.

Em outro seminário realizado ontem, o presidente do Deutsche Bank, Roger Ibrahim Karam, defendeu a postura do BC ao vender moeda mais barato para o Marka. “Não tenho a menor dúvida de que o BC quando tomou esta atitude estava pensando na estabilidade”, disse Karam, destacando que na época não tinha como o BC ser consensual. “A estabilidade não tem preço”, acrescentou Karam, durante palestra organizada pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha.

A maioria dos economistas não acredita que o governo vai conseguir atingir superávit de US\$ 11 bilhões na balança comercial, meta considerada ideal pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). O presidente do Deutsche Bank, por exemplo, aposta que este ano a balança registrará menos da metade da meta do FMI. O professor Belluzzo acredita que a balança registrará superávit ainda menor. “É claro que a meta do FMI está fora de questão”, disse Belluzzo, afirmando que o superávit deverá ficar em torno de US\$ 4 bilhões.

O déficit nominal, na opinião de Belluzzo, deve ficar em 7,5% do PIB este ano. O número foi considerado otimista pelos demais economistas que faziam parte da mesa de discussões. Ibrahim Eris disse que o déficit deve passar de 10% do PIB. “O déficit vai melhorar, mas está longe do ideal. É o ponto fraco da nossa estabilidade”.

Para os economistas, a inflação deve registrar trajetória de queda nos próximos meses. O número apontado pela maioria mostra que o índice de preços ao consumidor ficará entre 10% a 12% ao ano. Já o IGP-M, que abrange o preço de atacado, consumidor

e construção civil, deve fechar entre 14% e 16% ao ano. A taxa de juros continua sendo a maior entrave para o crescimento econômico. “Os juros têm que ser reduzidos rapidamente”, observou Eris. Os economistas apontam o possível agravamento da dívida pública com os juros mantidos no patamar atual.

Para Loyola, ainda é prematuro falar em retomada de crescimento da economia. “Havia uma perspectiva negativa e agora ficou menos negativa”, avaliou. Para ele, a recuperação das linhas de crédito ainda pode ser considerada moderada. O presidente do Deutsche Bank, Roger Ibrahim Karam, destacou que a economia ainda corre riscos como, por exemplo, a indexação, o aumento do salário mínimo e a deterioração da situação fiscal.

■ O Banrisul, em convênio com prefeituras, implantará progressivamente postos bancários nas 140 cidades gaúchas onde não existe agência de qualquer banco, na expansão do atendimento do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. A linha do Banrisul será a de “sempre tentar obter lucros, sem maximizá-los mas também sem prejuízos, para poder atuar igualmente na esfera social”. As informações foram dadas pelo novo presidente do Banrisul, João Verle, que finalmente conseguiu assumir ontem com a nova diretoria após 102 dias de Governo Olívio Dutra e que recebeu o banco de 70 anos de existência com um lucro de R\$ 40,2 milhões no primeiro trimestre de 1999, segundo informação do presidente anterior, Ricardo Russowski. Antes da posse, o então presidente do Banrisul, Ricardo Russowski, informou que o banco fechou o primeiro trimestre de 1999 com lucro de R\$ 40,2 milhões, correspondente a 10% do patrimônio líquido do banco, e obtido com recursos do Proes, que permitiu o saneamento do Banrisul, após prejuízo de R\$ 752 milhões em 1998.

13 ABR 1999

JORNAL DO BRASIL